



## O Natal nas trincheiras—A Missa do Gallo

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador  
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 184

Braga, 6 de Janeiro de 1917

Anno IV

# As Igrejas

fornecem-se da

**CASA MONTEIRO BORGES**

Ruas do Sol e Batalha--PORTO

por ser a mais completa no seu genero

Ornamentos d'Egreja  
Titulo da Casa Monteiro Borges



Escultura Religiosa em madeira  
Titulo da Casa Monteiro Borges

IMAGENS—PARAMENTOS—ALFAIAS

Monteiro Borges — PORTO

Quem imita esta casa reconhece-lhe a superioridade

## IMPRENSA

Obra de esculptura

É um primoroso trabalho de esculptura religiosa a imagem do Coração de Jesus que se acha exposta n'uma das grandes vitrines da conceituada casa de artigos religiosos do Snr. Monteiro Borges, estabelecida na rua do Sol, esquina da rua da Batalha. Conhecida desde ha muito como a primeira no seu genero, a casa do snr. Monteiro Borges tem conquistado justos creditos e merecida preferencia pela excellencia dos artigos alli expostos á venda, entre os quaes se destacam pela fina delicadeza dos seus labores, os paramentos e as alfaias d'egreja, que são um primor de execução e do mais perfeito acabamento. O snr. Monteiro Borges, industrial intelligente e activissimo, cioso do progresso e do desenvolvimento do seu acreditado estabelecimento, resolveu encarregar-se tambem d'um ramo importante dos artigos do seu commercio, a esculptura religiosa.

Como prova d'essa nova feição industrial e artistica que consideravelmente vem concorrer para a prosperidade do alludido estabelecimento, exhibe ao publico o snr. Monteiro Borges a imagem do C. de Jesus. Raras vezes se poderá apreciar um trabalho que reuna simultaneamente a belleza e a arte n'uma alliança tão perfeita, quanto suggestiva. Ao contemplar se a formosa imagem sente-se uma impressão agradabilissima e perdurável. O escorepo do artista esmerou se em esculpir uma tão bella manifestação da arte e inspiração fervorosa do crente. A sagrada imagem está tratada admiravelmente, desde a figura serena e insinuante do Christo, até aos menores e mais minuciosos pormenores das roupagens, cujas pregas cahem naturalmente. A pintura reproduz fielmente as carnacões do rosto e das mãos, e as tonalidades a branco e encarnado que tingem as roupagens, formam um conjuncto deveras harmonioso que as casa perfeitamente com a magestade de toda a figura. A bella esculptura, que se destina á igreja de Fermil de Basto, é digna de ver se e de ser admirada pelo publico.

(De O Commercio do Porto)



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

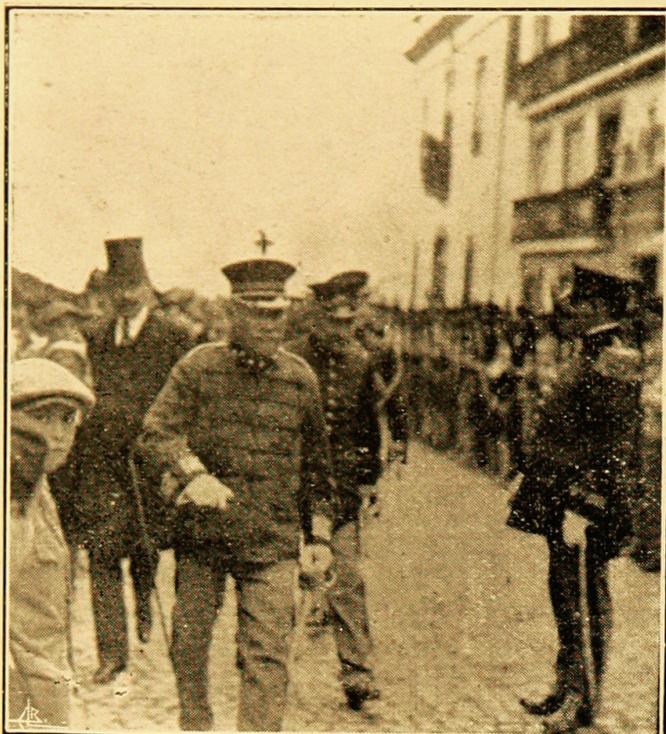
Braga, 6 de Janeiro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

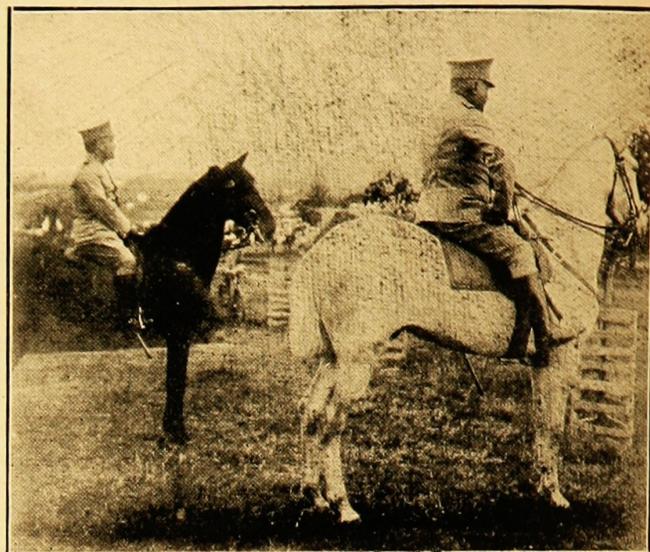
Numero 184—Anno IV



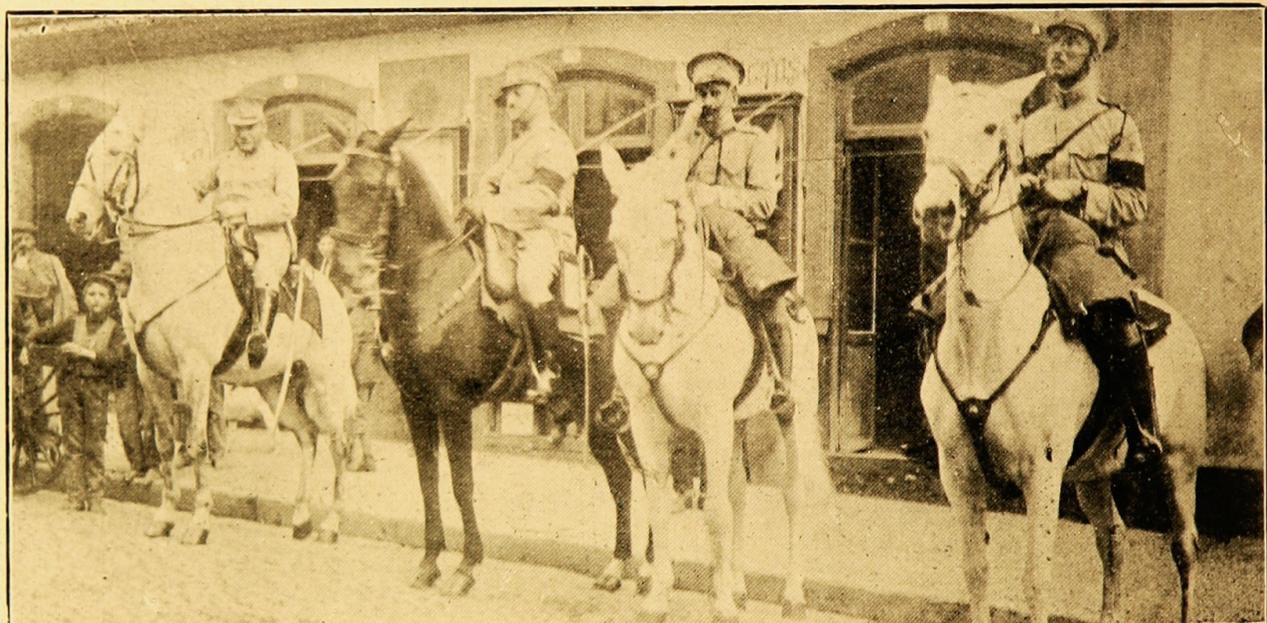
*A paz virá por termo ás sanguinolentas luctas  
da Europa?*



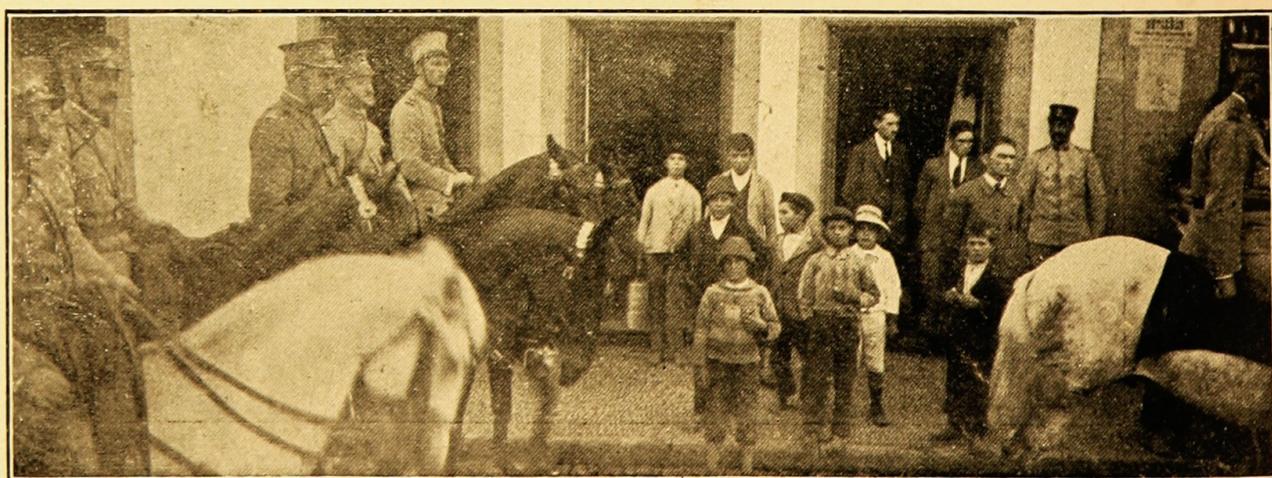
Angra do Heroísmo—O desembarque do  
snr. general Oliveira Guimarães



O snr. general Oliveira Guimarães e o seu ajudante  
capitão Alexandre de Paiva

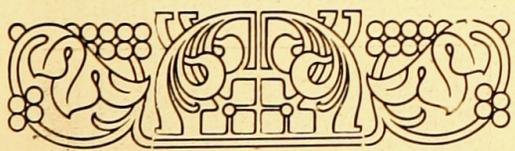
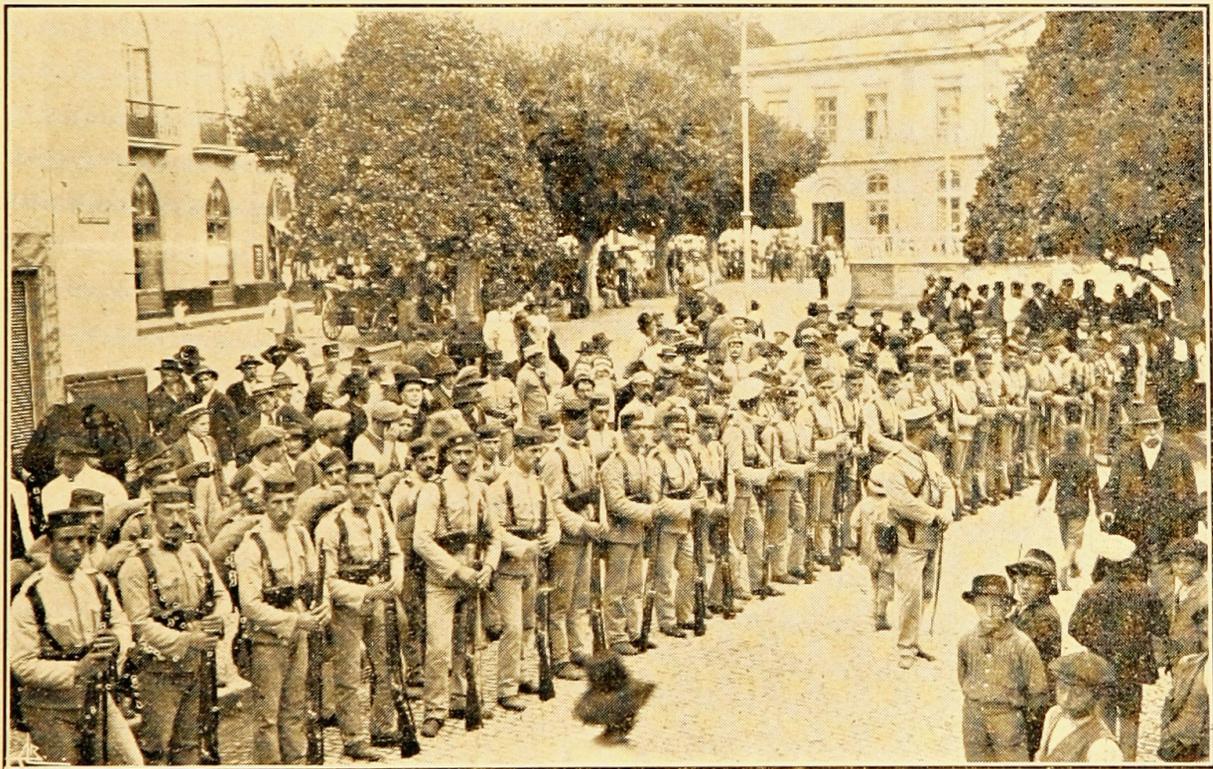
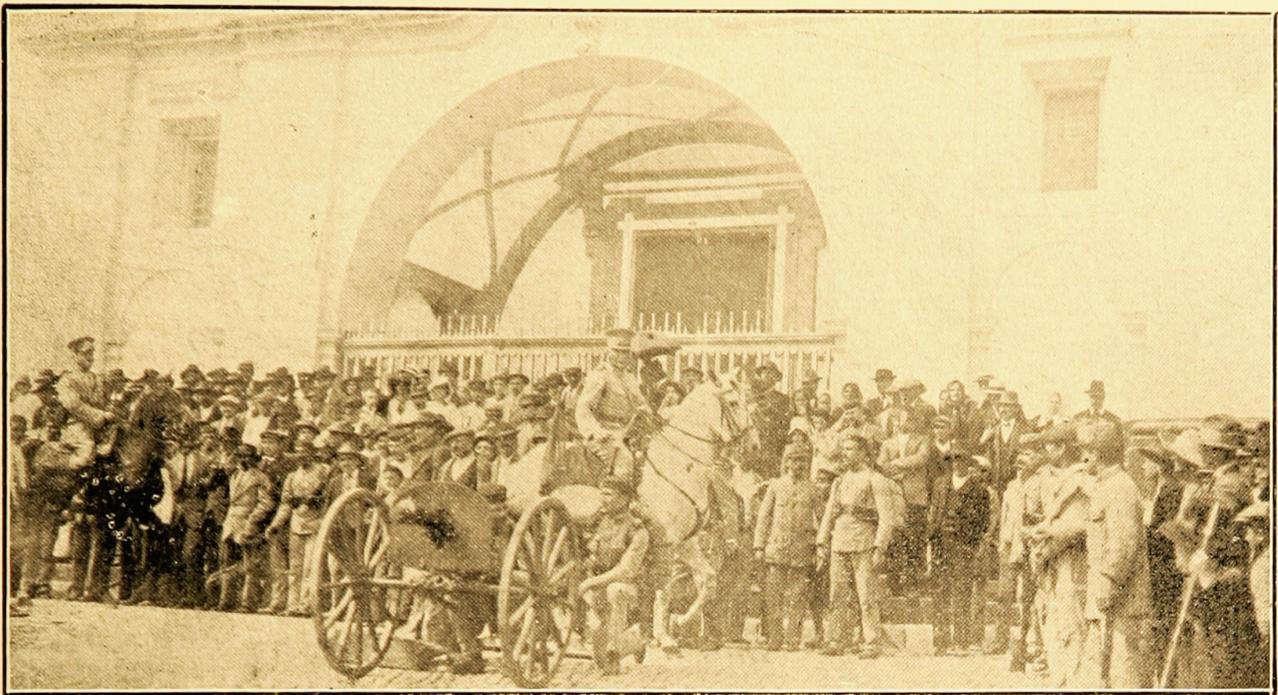


Angra do Heroísmo — Alguns officiaes de infantaria 5



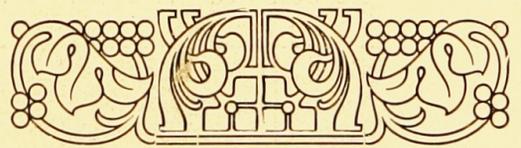
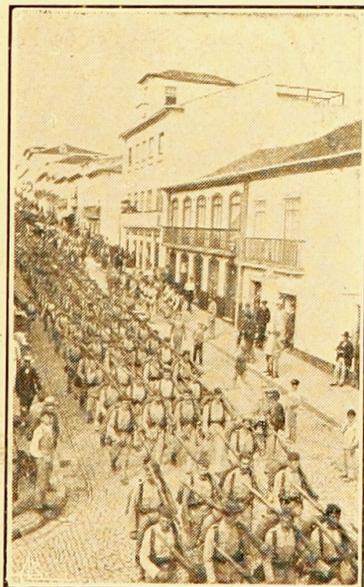
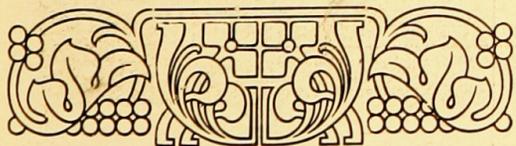
O snr. general Oliveira Guimarães, capitães Alexandre de Paiva, Quintanilha e alferes Serrão

(Publicação auctorizada pelo Commaudo militar respectivo)

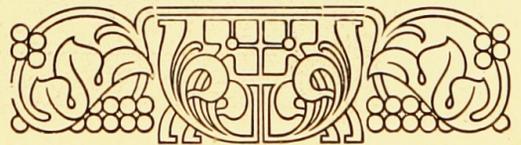


### Angra do Heroísmo

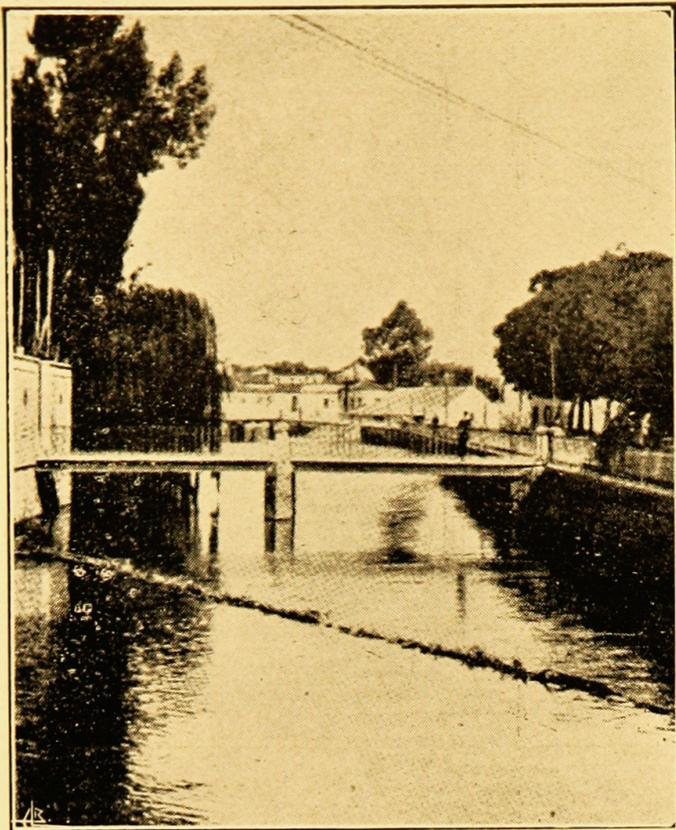
1—O sr. general de divisão e o seu ajudante assistindo a um exercício no Pateo da Alfandega



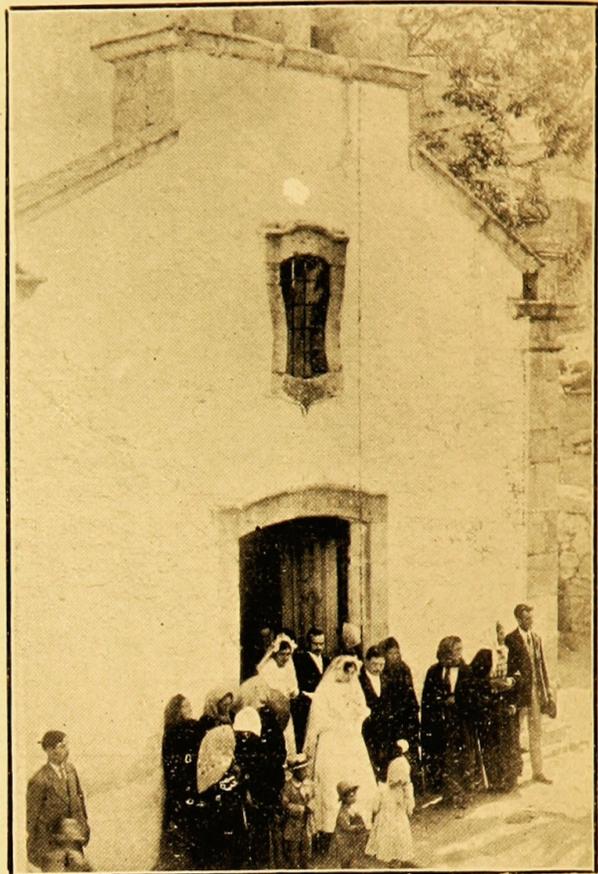
2—A formatura do regimento de infantaria formado na Praça da Restauração.  
3—O regimento em marcha na rua da Sé



(Phots. de A. J. Leite)



*Uma vista das margens do rio Nabão ao passar na cidade de Thomar onde ha semanas foi preso o official de marinha Machado dos Santos que intentava revoltar contra o governo a respectiva divisão e populares.*

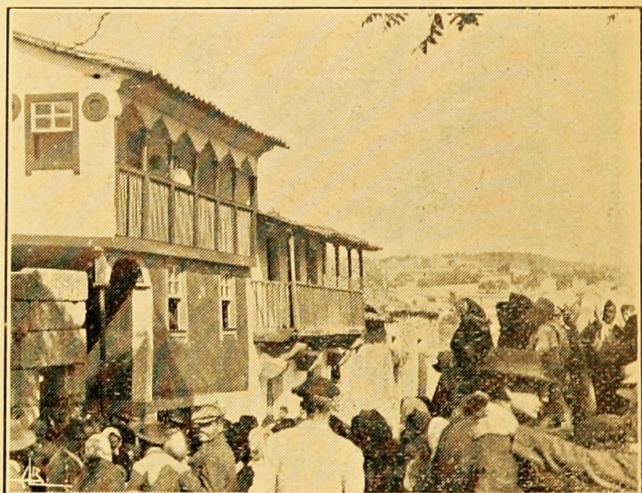


*Val das Fontes  
Os noivos saindo da igreja parochial de Lamalonga*



*Lamalonga — Os convidados*

Consoiciaram-se no dia 21 de setembro em Valle das Fontes os srs. José Joaquim Teixeira e Adriano Augusto

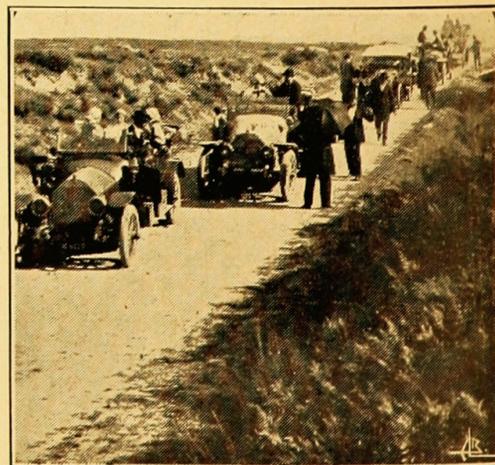


*A residencia dos paes das noivas*

Teixeira com as Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Isaura e D. Maria da Co.<sup>n</sup>. ceição Fonseca.



*Apoz o casamento*



*A partida*

(Phot. Alves)

# CHRONICA DA SEMANA

## Uma sessão ...

No formoso dia de Nossa Senhora da Conceição, fui ao Sarau ou sessão Solemne da velha, velha de mais de quarenta annos, Associação Catholica do Porto. Não sei se alguém anotou já que nas associações catholicas jamais como hoje se fallou tanto em lueta, coragem, e organização. Uma ideia fixa orienta os discursos: agir. Uma sacudidela energica endireita os bustos, os gestos contem quasi sempre uma precisão de commando e de ordem, ouve-se de todos os lábios um instante é preciso intimativo, e as palavras e os pensamentos cahem sobre os auditorios com uma rapidez vertical, como se umas e outras, obedecendo a uma espécie de lei de gravidade moral que attrahe aos corações, trouxéssem agora dentro de si o pezo de formidaveis conclusões que a urgencia do momento que são, transformou em axiomas. A nossa mesma litteratura é toda encaminhada a produzir nos espiritos uma lição de energia...

Eu tive esta mesma impressão n'aquella noite ao escutar Pinheiro Torres, e Diniz da Fonsêca, duas eloquencias diferentes, enlaçadas atravez do mesmo pensamento.

Diniz da Fonsêca fez-nos n'essa sessão uns *echos do meu quarto*, saborosos de evocação e de arte, um pouco mais compridos. O traço com que a escorço desenhou a evolução do século XIX foi admiravel, aquelle quadro de Lourdes, pintado a preto-sombra e a azul-luar, e ponteadado pelo clarão dos cirios e todo echoado do rumor das preces dos mutilados, prendeu e revolveu-nos a alma.

Pinheiro Torres—devo dizer que poucas vezes a sua suggestionadora voz e o seu gesto feito de crispações nervosas me traduziu melhor uma força de coração. Elle não disse coisas novas, repetiu apenas conclusões da sua fé e da sua intelligencia acêrca do problema portuguez; mas fel'o sem rodeios cara a cara d'uma opinião publica que ainda o não comprehendeu porque vive encellada nas torvas meditações agoireiras d'um fim-de-patria vergonhoso, a supurar opprobios...

Eu que conheço o dia-a-dia do pensamento d'elle tive alli, n'aquella sala e ao contacto d'aquelle mêscado auditorio, a impressão de que Pinheiro Torres gritava, sim, gritava em alarme a alta lição da hora actual—citando exemplos, chamando a depôr a legião doirada dos heroes objurgando ou pedindo—deante do bronzeo postal do palacio severo e carunchoso onde hiberna a indolencia e a doente melancolia fatalista da raça...

José Nosolini fallou tambem.

De Coimbra travei as excellentes relações de camaradagem que me ligam a esse vivo, intelligente e delicado rapaz, alto, face afogueada e crespa cabelleira que me mandava interessantes versos para o *Imparcial* e lia muito o d'Anunzio... Ouvira-o já uma vez e, coisa curiosa, assim como o vira atravez dos seus versos, assim o vi depois no tablado: impetuoso, alludindo a mil assumptos sem se deter, com uma voz fortissima que elle aproveita no geral para as tiradas finaes dos seus discursos. Foi tambem assim que o vi n'aquella noite. Não desenvolve uma ideia, explicando-a, como Diniz da Fonsêca e Pinheiro Torres. E' uma eloquencia em catadupa, é mais um Tribuno que um conferente. José Nosolini, portanto, accordou toda a sensibilidade auditiva dos presentes. E o auditorio applaudiu-o fartamente, mais que a todos os outros. Creio mesmo que o auditorio da Associação Catholica não levou para casa a doutrinação, cheia de arte, de Diniz da Fonsêca, ou as verdades alarmadas de Pinheiro Torres; levou apenas o discurso do dr. Nosolini, e dormiu regalado sobre aquella phrase do caixeiro: *o dr. sempre sabe muita historia theologica!*

(Aqui te digo, Nosolini, que se um dia fallares ao sol dos Comicios... ficas Antonio José d'Almeida para sempre!)

○ portuguez não muda. As palavras—*words! words! words!*—são o seu brinquêdo. Remedio para isto, illustres desalentados? E' fácil enconral'o. Quando as creanças trocam os livros pelo folguêdo, tiram-se-lhe as bonêcas... e ensinam-se a pensar.

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

TENHO diante de mim, na versão fiel, d'um chronista velho, algumas das cartas d'Affonso d'Albuquerque. Todo o cadastro sentimental e politico d'esse homem, vive, palpita, esplende n'aquellas folhas amarellecidas.

E' toda uma epocha, toda uma historia, que ressurgue esplendida através das confidencias e dos commentarios do vencedor de Dabul. Para a historia d'essa India deslumbradora e epica, de glorias e chatins, d'heroes e de piratas, as cartas d'Albuquerque são a mais genuina e segura das fontes. Correspondem, as que tenho presentes, a um periodo amargo da sua vida. O leão já não saccode a juba; sabe apenas chorar. Ralado d'amarguras, mordido d'ingratidões, desilludido dos homens, começa a conhecer os homens. Não tem uma praga, um tregeito d'odio, um signal de castigo. Conhece apenas o desalento, e das baixesas que o rodeiam, da onda das intrigas, que o envolvem, da chatinagem, da ambição, que lhe enreda o caminho tem apenas uma noção—o nojo.

A sua vida monotonisa-se, torna-se passiva quasi, indolente; por vezes a antiga bravura remeche aquelles nervos d'heroe, mas logo recahe no desalento amargo, os adversarios dizem que elle soffre do mal terrivel do orientalismo; os imparciaes veem simplesmente que se tomou do nojo. E a desillusão profunda do homem que vê derruir o seu sonho, a visão nilida, perturbadora, do seu esforço inutilisado. Nas suas cartas, aparentemente, o velho leão ruje ainda, mas é já um ronco d'amargura, um hausto de dôr. Com certa energia elle escreve a D. Manuel. Mas no fundo lá está a profunda amargura que o corroe.

"Vossa alteza me culpa, me culpa, me culpa em algumas coisas de cá da India feitas contra vosso regimento, e creio que será por má informaçao que vos de mim deram algumas pessoas, que com inveja e dôr de meus feitos e meus serviços vos servem agora cá, como meus competidores, damnando as coisas de vosso serviço e de todo o bem da India, cuidando que damnificam a mim; e crêde-m'o, Senhor, por que esta é a maior praga que agora cá ha na India, por que a vida que faço, meus trabalhos e minha limpeza, culpa todo-los homens e obriga-os a muito, e por que a carga é mui grande e não podem com ella, nem podem soffrer a execução de vossos regimentos e determinações, que nos traz mettidos a todos em tanto trabalho, perigo e fadiga, que não ha official, nem capitão, nem homem na India que me não deseje morto mil vezes e destruido: e aquelles que com seus carregos me podem damnificar e empecer por tal que dê má conta de mim, não cessam, de noite e de dia cuidam nesta materia... Estes taes que assim passam sua vida ociosa, não terão elles tempo para vos escreverem mil enganos e cartas cheias de poesia, fingindo mil coisas que não são nem nunca foram?..."

\*Quando não tem que dizer pronosticam, e fallam com feitiçeras que lhe digam o que está por vir, ajuntam toda essa massa de que fazem esse pastel que lá mandam a vossa alteza cada anno.

\*E vossa alteza ajuda-os a seu proposito da maneira que atrás dito tenho, por que uma hora pondeis um emprasto para este feito vir a furo, outra lhe pondeis defensivos que não crie materia, e tanto pôde vossa alteza ir por este caminho, que dareis com todo este feito no chão.

\*E isto, Senhor, vos faz fazer estas cartas dos poetas da India, que lhe não dá nada, quer se perca a India quer se ganhe, quer seja de moiros, quer de gentios, quer de christãos: correm atrás seus proventos e onzenas, e ajudam-se bem da vossa fazenda quando podem; nem vestem armas por vosso serviço, reprehendem os feitos honrados de quem bem vos serve, vestidos em camisas moiriscas, determinando em ociosidade os feitos da guerra e governança da India.\*

Sahem vivas, originaes, na sua magestade de dôr as feições do genio espesinhado, combatido, mas onde a sua alma se espelha na plenitude da sua tragedia de desalento é na ultima carta que elle escreve ao Rei, já sobre o mar que lhe lembra a epopeia da sua gloria, o espirito agonisando, sumindo-se no suspiro derradeiro.

\*Senhor.—Eu não escrevo a vossa alteza por minha mão, porque, quando esta faço, tenho muito grande soluço, que é signal de morrer: eu, Senhor, deixei cá esse filho por minha memoria, a que deixei toda a minha fazenda, que é assaz de pouca, mas deixo-lhe a obrigação de todos meus serviços, que é mui grande; as coisas da India fallarão por mim e por ella; deixo a India com as principaes cabeças tomadas em vosso poder, sem n'ella ficar outra pendenza senão cerrar-se e mui bem a porta do estreito; isto é, o que vossa alteza me encomendou: eu, Senhor, vos dei sempre por conselho, para segurar de lá a India, irdes vós tirando de despezas: peço a vossa alteza por mercê que se lembre de tudo isto, e que me faça meu filho grande, e lhe dê toda satisfação do meu serviço; todas minhas confianças puz nas mãos de vossa alteza e da senhora Rainha: a elles me recommendo, que façam minhas coisas grandes, pois acabo em coisas de vosso serviço, e por elles vol-o tenho merecido; e as minhas tenças, as quaes comprei pela maior parte, como vossa alteza sabe, beijar-lhe-hei as mãos polas em meu filho. Escripita no mar a 2 de dezembro de 1515.\*

*As coisas da India...* na hora tragica de injustiça fallaram-lhe da sua obra epica dominando esse imperio immenso, que lhe baila nos olhos como um cycloptico clarão de gloria. Mas o heroe na hora derradeira deixa apenas fallar com ancia e com orgulho o seu coração de pae. E' por amor do filho que elle vislumbra a sua obra coloso, que a ergue pela ultima vez, porque o nojo lá está, profundo, aniquilante, corrosivo, despedindo um ultimo esgar sobre a injustiça amarga dos homens e a sua ultima oração, a derradeira prece que o acompanha é um clamor sinistro d'odios e d'invejas. Se os homens são assim e... nós sempre assim tratamos os nossos heroes!

# PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

## I. Noções geraes de esthetica

*Similmente operando all'artista  
Ch'ha l'abito dell'arte e man che trema  
(Dante-Paraiso-c. XIII-77,8).*

“**O**PERANDO como o artista que apezar do conhecimento da arte sente vacillar a mão, são as palavras que me occorrem ao abrir esta secção na “Ilustração Catholica”, tanto mais que não posso como o poeta blasonar do conhecimento da arte. Contudo irei expondo brevemente o fructo das numerosas leituras e observações feitas n'estes estudos, para ir entretendo os leitores sobre a arte christã. Em uma serie bem numerosa de artigos, se Deus quizer, irão os leitores ouvindo algumas ideias, muitas vezes pessoas, de quem estas linhas escreve, para as quaes desde já peço e espero a sua indulgencia. É uma tentativa no sentido de expor clara e singelamente os criterios da arte christã.

Trataremos d'esta vez dos principios geraes da esthetica, materia complexa e algumas vezes bem abstrusa, mas ajudados do senso commum não nos será difficil fixar alguns pontos indispensaveis para o estudo da arte christã.

*Bello* é aquillo que nos agrada quando admirado. Ha portanto n'elle uma parte objectiva, i. é que existe no *objecto* admirado, e vem a ser a propriedade que impressiona agradavelmente o observador. Ha igualmente uma parte que pertence a este, a parte *subjectiva* — e é a admiração que sente, quem observa.

Nem se deve confundir o *bello* com o verdadeiro, com o bom, com o util, com o uno, com o proporcionado. Alguns d'estes elementos entram no conceito da beleza mas não se identificam com ella.

Os elementos que tornam bello um objecto são frês.

1.º *A perfeição* e integridade (ao menos conjectural, feita pela nossa imaginação) do objecto. Um mutilado, um coxo, não é bello, e se ha objectos mutilados considerados bellos como o celebre *torso* do Belvedere (Vaticano) é porque a mente completa o maravilhoso fragmento.

2.º *Ordem*, harmonia, proporção e conveniencia das partes que formam o objecto.

3.º *Esplendor da forma*: é especie de luz, que dimana do objecto, que o torna perspicuo, intelligivel ao observador. É uma luz corporea e incorporea — de luz intellectiva e moral, natural e divina consoante os objectos donde emana; já que com luz diversa resplendem a terra e o ceo, a sciencia e a virtude, os anjos e Deus. Teem por isso uma claridade de forma toda sua, as flores e as estrellas, os descobrimentos scientificos e as acções heroicas, o templo gothico e o edificio grego. (*Lepore. Arte sacra. pg 24*).

Para apreciar o *bello* é preciso possuir o gosto esthetico ou sentimento do bello.

Todos o teem, mas nem em todos é bem desenvolvido, bem orientado. Ha o gosto pessoal, o gosto nacional, e gosto universal. Depende da educação: se esta for mal dirigida pode perverter-se. Nas nações onde a cultura da arte é intensa, onde os monumentos artisticos são abundantes, este gosto é apurado. Assim era antigamente na Grecia, assim acontece ainda hoje na Italia.

Difficil é definir o que seja o gosto. Não é certamente uma faculdade espirital especial, muito menos um sentido organico. Participa de ambos, mas approxima-se da primeira — visto ser uma função da intelligencia.

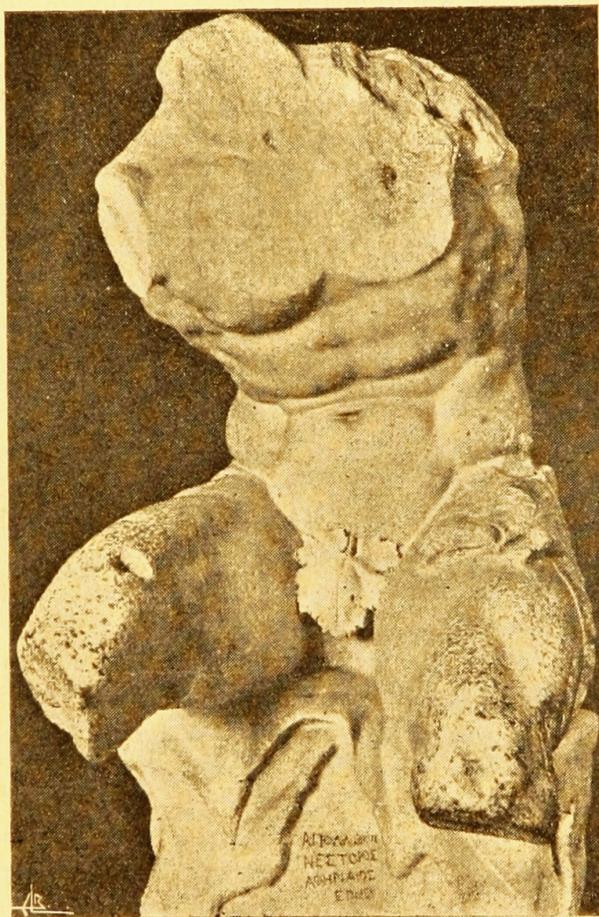
Sein o uso da intelligencia não ha sentimento do bello ou gosto esthetico.

A beleza causa em nós prazer, não sómente nos sentidos (e a isto se chama deleitação sensivel) mas tambem e principalmente na intelligencia, no espirito.

Finalmente o bello é obra d'um engenho de artista, d'uma mentalidade que por vezes é um *genio*. Se se trata da arte, o bello, não menos que a verdade e o bem, são eternos e immutaveis; não pode creá-los o homem mas esse ideal do bello, o *genio* reveste-o com formas novas e originaes, cria situações e caracteres, personifica e idealisa, numa palavra é creador. (*Vieira Pregador—P. L. G. Cabral Vol. I. p. 155*).

O *genio*, diz Mazzoti (*Le arti belle-c. 4*), é o intermediario, o interprete, que exprime com a sua obra o modo como se pode unir o bello natural com o bello eterno.

Logo tanto maior será o poder do *genio* artistico quanto mais se approximar do ideal, exprimindo-o por um modo novo, não imaginado até então, mas um modo verosimil, conveniente, que não dê producções absurdas e inintelligiveis como os da escola ultra-impressionista dos nossos dias. Taes extravagancias são a confissão mais clara da falta de *genio* artistico.



# Memorias genealogicas da Casa de Val d'Oleiros

## CAPITULO I

## PARTE 1.<sup>a</sup>

**6.**º Diogo Rodrigues Rebêlo, «o Gago» succedeu na casa de seus Paes, foi Fidalgo da Casa Real e casou com Izabel da Fonseca, viuva de Francisco Ribeiro e 1.<sup>a</sup> administradora do *Morgado de Samodães*. (Vide Capitulo II. Parte 1.<sup>a</sup>) Tiveram :

7.<sup>o</sup>—Antonio, s. g.

» —Catharina da Fonseca Rebêlo, que segue.

» —Brites da Fonseca Rebêlo, que casou com o dr. Francisco Pereira, senhor da Casa de Pomarelhe em Cambres.

7.<sup>o</sup>—Catharina da Fonseca Rebêlo, succedeu na Casa de Val d'Oleiros e casou com o seu parente Manuel Osorio Rebêlo, filho de Adão Rebêlo de Carvalho, o celebre «Rei da Beira» tambem conhecido pelo nome de Adão Rebêlo Pinto Guedes, visto que sua mãe Brites Rebêlo, filha de Pedro Rebêlo «o Grande» e Fidalgo da Casa Real por alvará de 4 de Janeiro de 1517, foi casada, segundo uns, com Manuel de Carvalho, segundo outros, com João Martins Pinto Guedes, senhor da quinta de Laurentim em Penaguião. Adão Rebêlo foi capitão-mór de Caria e senhor das quintas do Prado e Alamos no mesmo concelho, e casou em 1.<sup>as</sup> nupcias com Maria Osorio da Fonseca, dos Osorios da vila de Trancoso, que eram senhores de Figueiró da Granja e procediam da Casa da Ratoeira, e, em 2.<sup>as</sup> nupcias, com Izabel Cardoso. (Vide Capitulo II. Partes 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, *Casas do Poço e de Paredes*.) Catharina da Fonseca Rebêlo e seu marido, filho do 1.<sup>o</sup> matrimonio de Adão Rebêlo, tiveram :

8.<sup>o</sup>—Manuel Rebêlo Osorio, que segue.

» —Maria da Fonseca Osorio, solteira, que succedeu no Casal de Lamas e na quinta do Coulo que e a n de Val d'Oleiros e em 1799, pertenciam aos morgados da Rêde, de Lamego.

» —Jeronymo Osorio de Almeida que succedeu na *Casa do Prado*. Vide Parte 4.<sup>a</sup>

» —Anna da Fonseca Osorio, «que succedeu na Casa de Val d'Oleiros, cujos bens na forma que fica dita foram repartidos por sua mãe, depois de viuva, em seu testamento de 17 de junho de 1622 e no mesmo deixou os encargos que se acham na capella de S. João da mesma quinta de Val d'Oleiros.») Vide Parte 5.<sup>a</sup>)

8.<sup>o</sup> Manuel Rebêlo Osorio, succedeu nos bens de Penaguião, quinta de Laurentim. *Casa dos Encambalados* e quinta dos Alamos. Casou a 16 5 1624 com Brites da Fonseca, filha de Jeronymo Rodrigues Rebêlo e de Catharina Rodrigues da Silva, adiante indicados na Parte II n.<sup>o</sup> 7.<sup>o</sup> Segundo outras informações, foi casado com Joanna Rebêlo da Silva, da Casa do Poço. O que é certo é ter, este Manuel Osorio Rebêlo, casado em 2.<sup>as</sup> nupcias. Teve :

9.<sup>o</sup>—Leonor da Fonseca Osorio, que casou em Penaguião com Diogo do Vale Coutinho, Fidalgo da Casa Real e dos quaes procedem os da *Casa de Calvilhe e Penedono* e o Gran-Mestre da Ordem de Malta, D. Frei Manuel Pinto da Fonseca. Vide Partes 6.<sup>a</sup> (a) e 6.<sup>a</sup> (b).

» —Maria de Fonseca Osorio, que casou em Ferreirim com Antonio Cardoso Pinto.

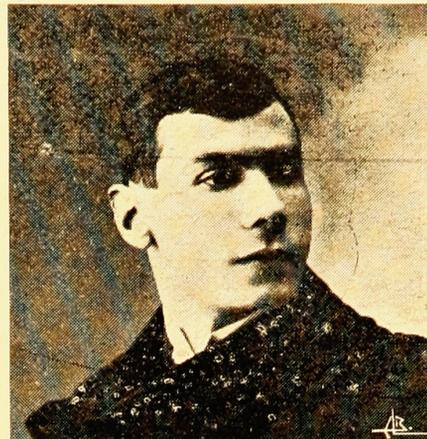
» —João da Fonseca Osorio, que segue.

9.<sup>o</sup>—João da Fonseca Osorio; acima, casou com Martha Maria Guedes de quem teve :

10.<sup>o</sup>—Balthazar da Fonseca Guedes Osorio, que segue.

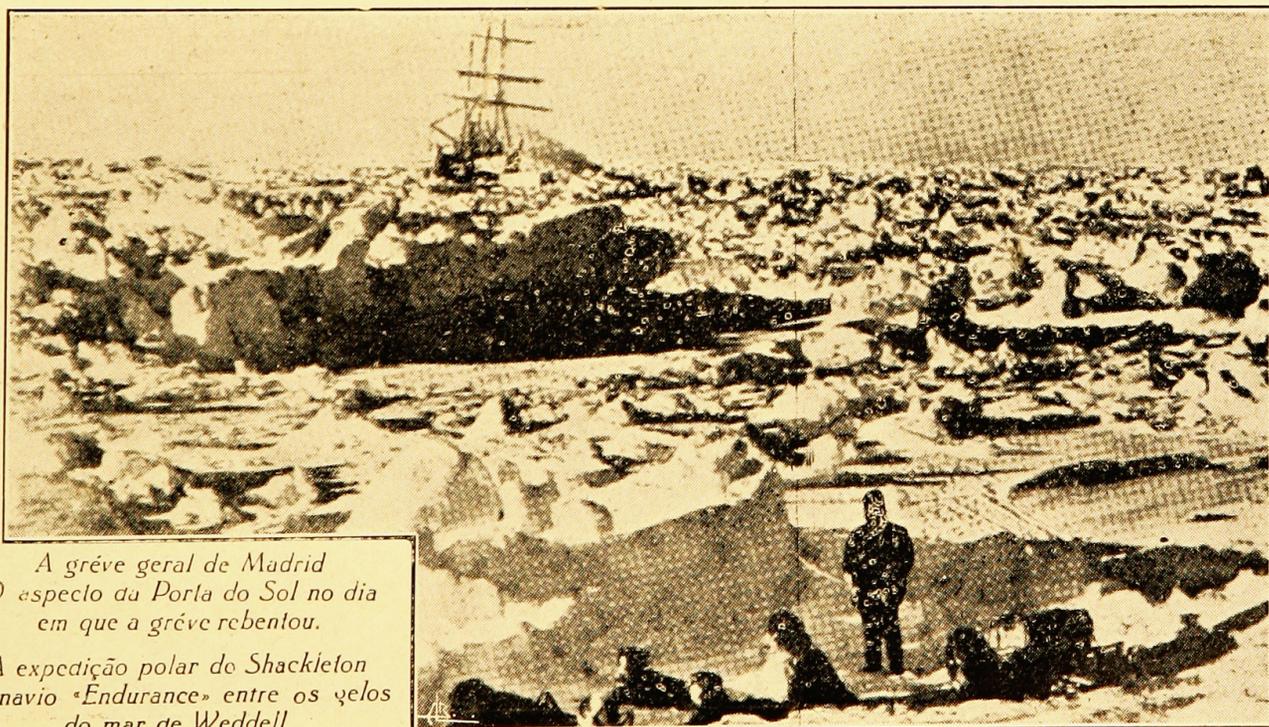
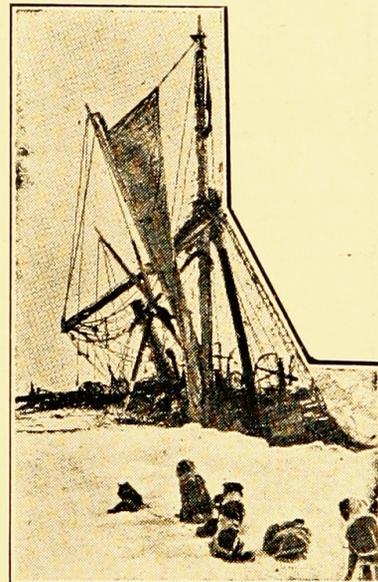
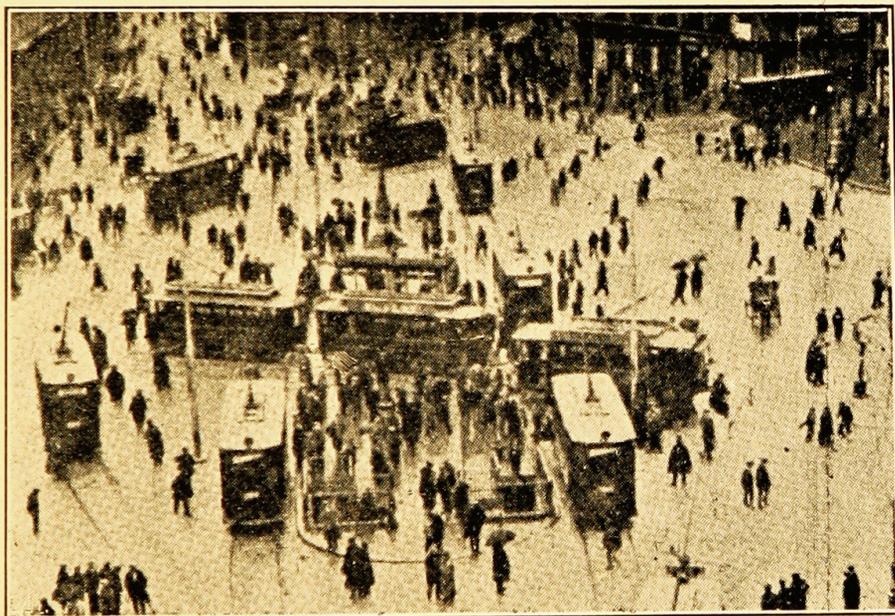


*Grupo de crianças que commungaram a primeira vez na freguezia de Chaves no dia 13 de Novembro de 1913*



*O sr. Manuel Semblano distincto escriptor e nosso collaborador*

## Do Nascente ao Poente



*A grève geral de Madrid  
O aspecto da Porta do Sol no dia em que a grève rebentou.*

*A expedição polar de Shackleton  
O navio «Endurance» entre os gelos do mar de Weddell.*

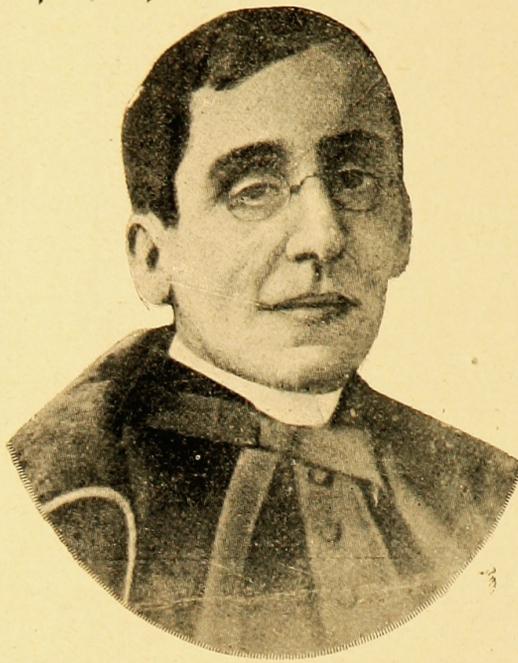
*O «Endurance» destruído pelos gelos.*

# ○ Pagina da Guerra Europeia ○

Os principaes medianeiros da paz



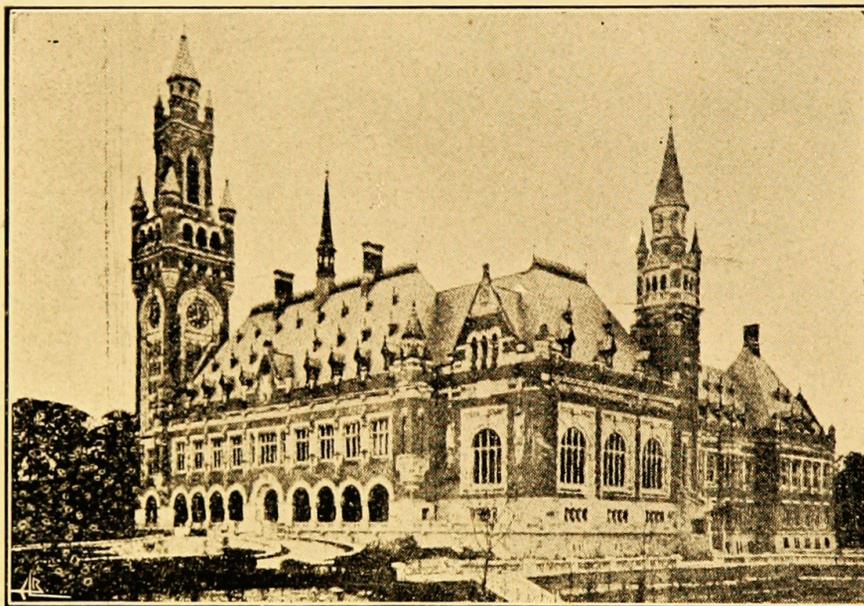
*Alfonso XIII de Hespanha*



*S. S. ento XV*



*O Presidente Wilson de E. U. da America*



*O palacio da paz em Haya*



*Soldados do regimento de Middlesey de regresso das trincheiras n'um dia chuva*

# PRECE A VIRGEM

Musica e letra de Estefania Leão Cabreira

Solo A GARRAL JUNIOR

Introdução

Coro

MÃE DO CEU, DO DE MARIA,  
SALVA-O NA GUERRA!  
TEM DO DA ENORME AGONIA,  
QUE ESTALMA ANCELA!  
E'S MINH'ESTRELA, MOU NORTE,  
MINHA AMBROSIA!  
COMPAXIÃO, SALVA-O DA MORTE,  
VIRGEM MARIA!

CÓRO

QUÊ-MARIA,  
VIRGEM FORMOSA,  
VOLUBI, PIEDOSA,  
MÃE DO SENHOR,

VIRGEM-MÃE DOS DESGRACADOS,  
AI TANTA MAGUA!  
NÃO VÊS MEUS OLHOS RISADOS  
E CHEIOS DE ÁGUA?!...  
FICAREI NO MUNDO SÓ,  
MARTIR D'AMOR?!...  
SALVA O MEU NOIVO!!! TEM DÓ!  
MORRA DE DÓR.

MÃE DOS AFLITOS,  
OLHOS DE AMOR,  
OLHOS BEMDITOS  
A MINHA DOR.

# Anecdotas históricas

## Ditos e pensamentos



O filósofo Diphilo, em um grupo de homens doutos, alguém perguntou:

—O que é a vida?

Diphilo voltou costas e desapareceu sem dizer palavra.

### O que é a vida?

### A paz do campo

Aos cinquenta annos de idade deixou Catão as honras populares, fugiu ao bulício e pompas da vida de Roma e foi numa linda casa de campo repousar entre as flores e os livros. Na porta da quinta escreveu mão amiga:

—Feliz Catão, tu sabes viver!

### Templos, guerra e banquetes

Aconselha Socrates:

—Aos templos deve ir-se de boa vontade, á guerra de necessidade, mas aos banquetes nem de necessidade nem de vontade.

### Trabalhos e perigos

Costumava dizer Dario:

—Os trabalhos e os perigos fazem o homem sabio, porque lhe aguçam a attenção e augmentam a experiencia.

### Tudo é do sabio

Silogismo de Diogenes:

—O que ha no mundo é do sabio. Deus é senhor de tudo, o sabio é amigo de Deus, e, como entre amigos tudo é commum, logo o que é de Deus é do sabio.

### Os sucessos

Dizia Aristoteles:

—Se os sucessos da fortuna se não acomodam á nossa vontade, acomodemos a nossa vontade aos sucessos da fortuna.

### Sovinas e gastadores

De Aristoteles:

—Ha homens tão miseraveis que enthesouram como se fossem eternos; e homens tão perdularios que esbanjam como se tivessem de morrer horas depois.

### Remedios do amor

Receita do filosofo Crates:

—Os remedios do amor são tres: fome, tempo e uma corda.

### Como ao peixe...

A um amigo que ia casar-se, lembrou Socrates:

—Olha não te aconteça como ao peixe, o que ainda não entrou quer entrar na nassa, e depois que tem entrado quer sair para fóra.

### Homo cum sis

Do sabio Philémo:

—Se és homem não esqueças que és e serás sempre homem.

### Bias

Este filosofo costumava dizer:

—E' bemaventurado aquelle que possui tudo o que deseja, mas será mais bemaventurado o que nada desejar.

## COMPARAÇÃO



—Que tal o frio, hoje?!

—Está levado do diabo!

—É tua mulher? . . .

—Pouco mais ou menos, a mesma coisa . . .

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Nas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

**BRAGA**—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

**NO PORTO**—Joaquim da Silva e Melo & C.<sup>a</sup>—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

## Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

**BRAGA**

PREÇOS Brochado, 250  
Cartonado, 320

## TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

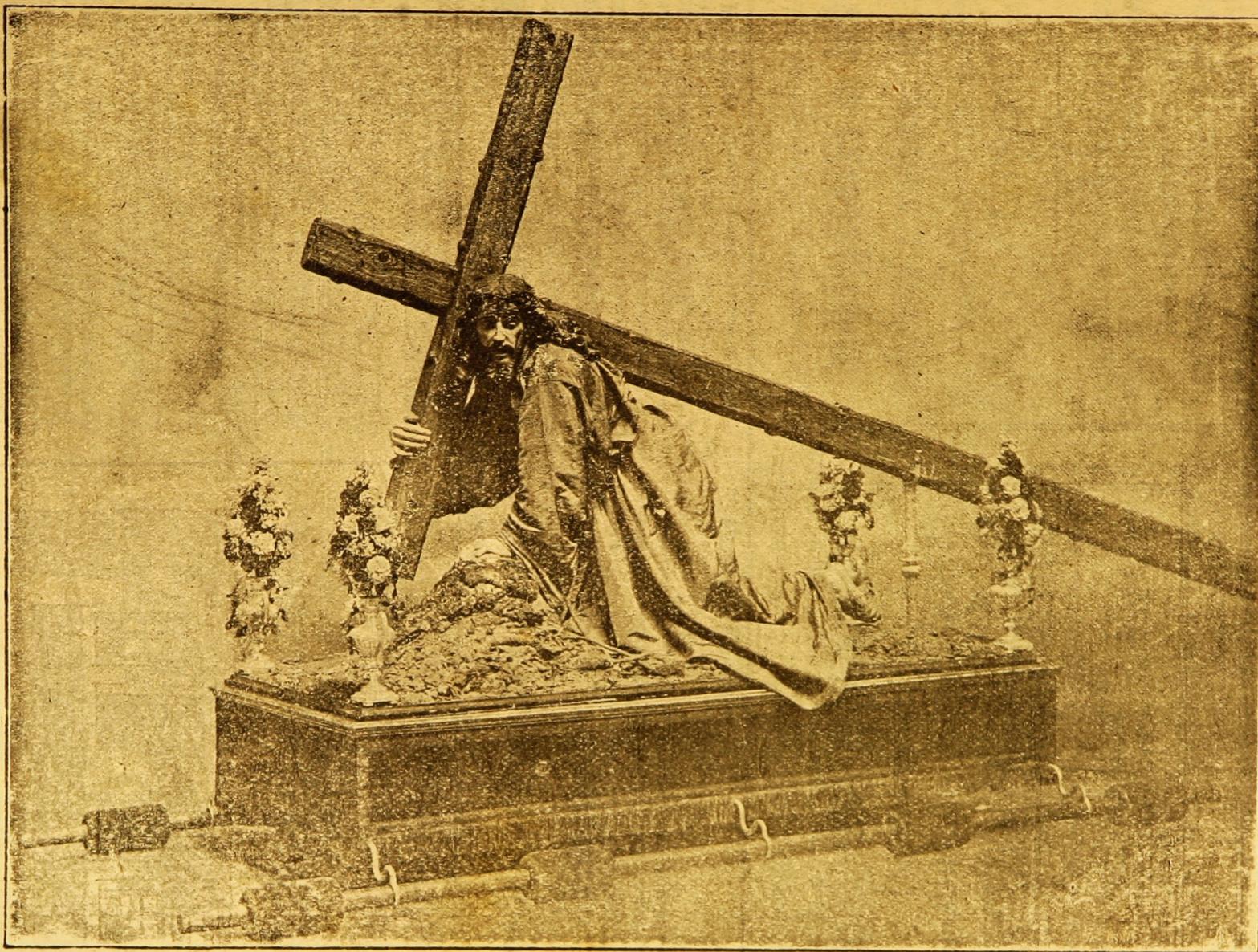
Ornamentos de Igreja da Casa Estrella



Officinas d'Escultura e Talha religiosa  
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

As  
maiores  
officinas  
do Paiz



Pecam  
catalogo  
illustrado  
com 143  
gravuras

Specimen e de umasculptura em ma leira

**PORTO**

Bom Jardim 85 a 89 e rua de Santo Antonio 59 a 63

**GUARDA**

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Hellodoro Salgado